

[عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

Nesta edição, o ensaio fetichista é com o grande amigo que tive a honra de conhecer quando ainda morava em São Paulo, Rainnery, que já esteve em várias edições anteriores da [pós]CORPOS. Já fizemos muitos trabalhos juntos desde o primeiro momento quando participou do Corpo de Quinta, evento que organizava em parceria com os artistas Hugo Faz e Leandro Tupan (saudosos momentos). De lá para cá, foram várias performances, confissões, alegrias, momentos difíceis e é sempre uma felicidade quando

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS® são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS® está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 05, Nº 27, Junho/2024 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Marcos Phelipe José de Oliveira **Ensaios Pornossexualgráficos:** Fávero **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

fazemos algum trabalho juntas. Rai é uma puta produtora, criativa, inteligente, perspicaz e uma profissional incrível! Fui introduzido no mundo do pet play por Rainnery. A primeira vez que participei de uma sessão de shibari, foi Rainnery quem me amarrou e agora, nem com a perna quebrada e com ferros lhe atravessando o corpo, ela não pára. E foi com muleta, cadeira de rodas que fizemos o ensaio que ilustra esta edição. Obrigado, Rainnery. Te adoro demais! E falando em pet play, na coluna Corpas Falantes, temos o texto do Marcos Phelipe José de Oliveira trazendo alguns apontamentos iniciais sobre a cena pup e suas origens e para finalizar, quem assina as fotos da coluna Ensaios Pornossexualigráficos é o artista Fávero. Obrigado a vocês por mais uma revista incrível. <3

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual

fotógrafo editor-chefe



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br

Vinny Chaser por Chris, The Red (Rio de Janeiro, 2024)



Agradecimentos

Fávero

Marcos Phelipe de Oliveira

Rainnery

Vinny Chaser

Dogs: Crystal, Chaos, Sadan,

Dogo de la Mancha & Pinky

Somos Nossos Desejos... Também com Rainnery

por Chris, The Red



















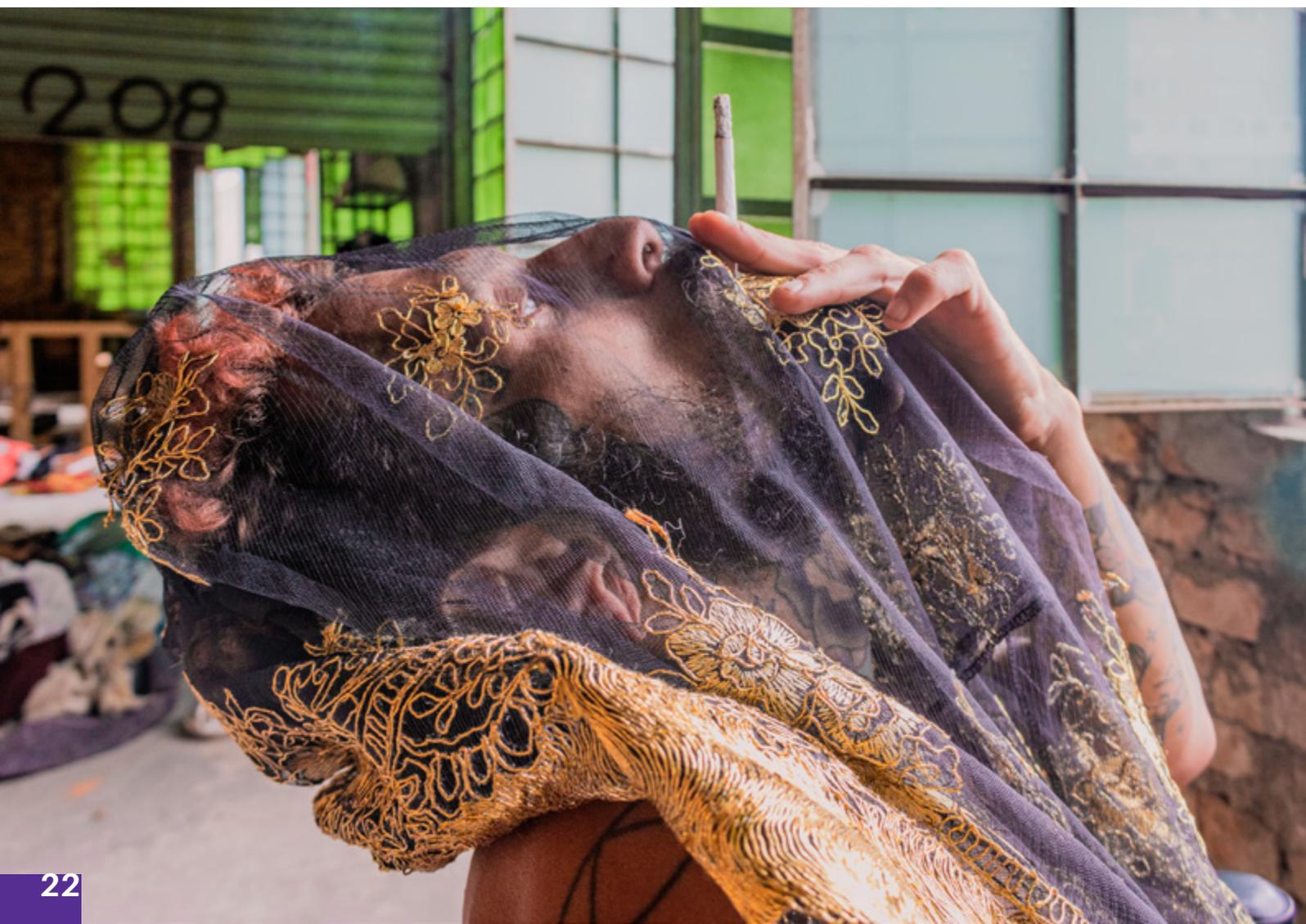






























208



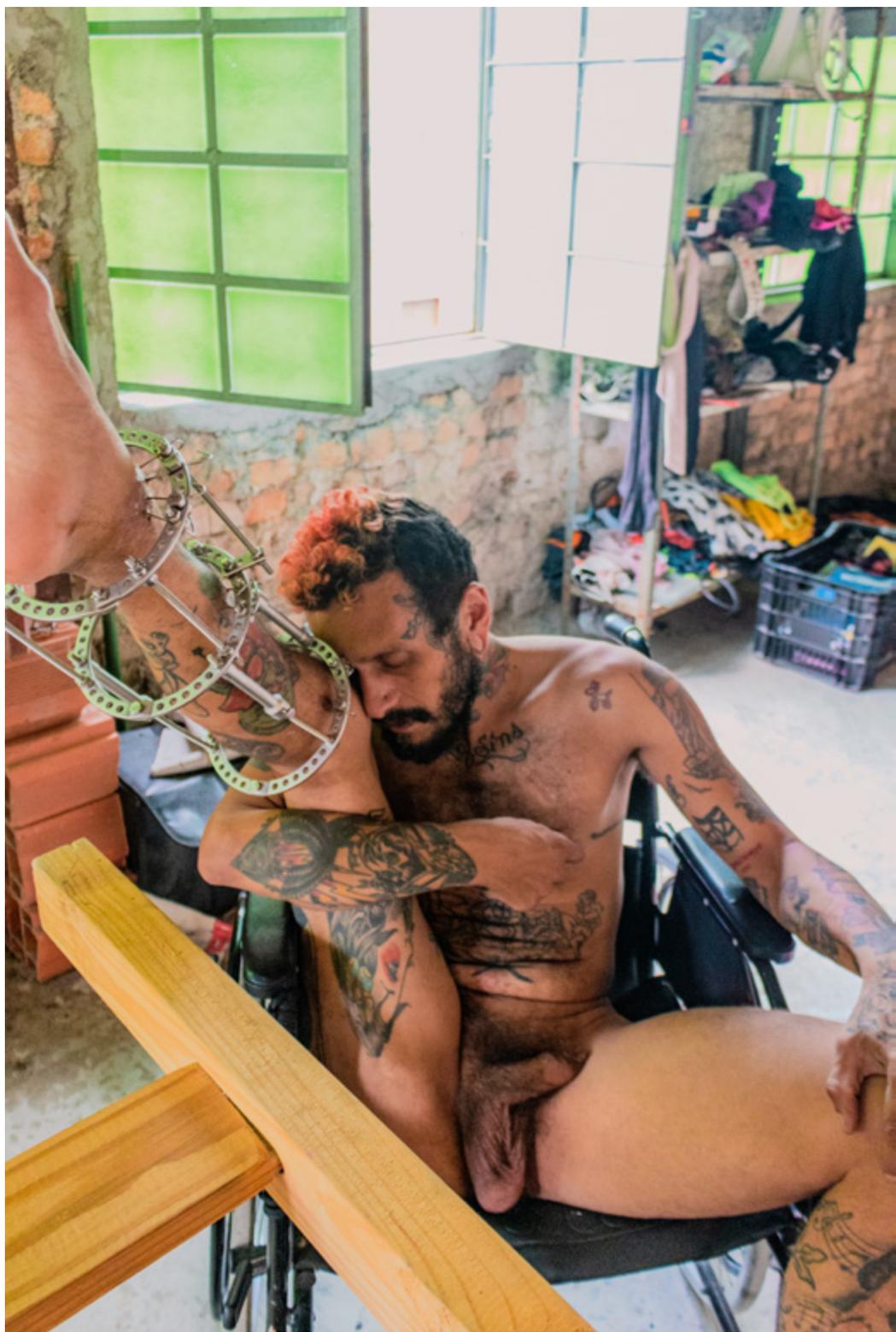




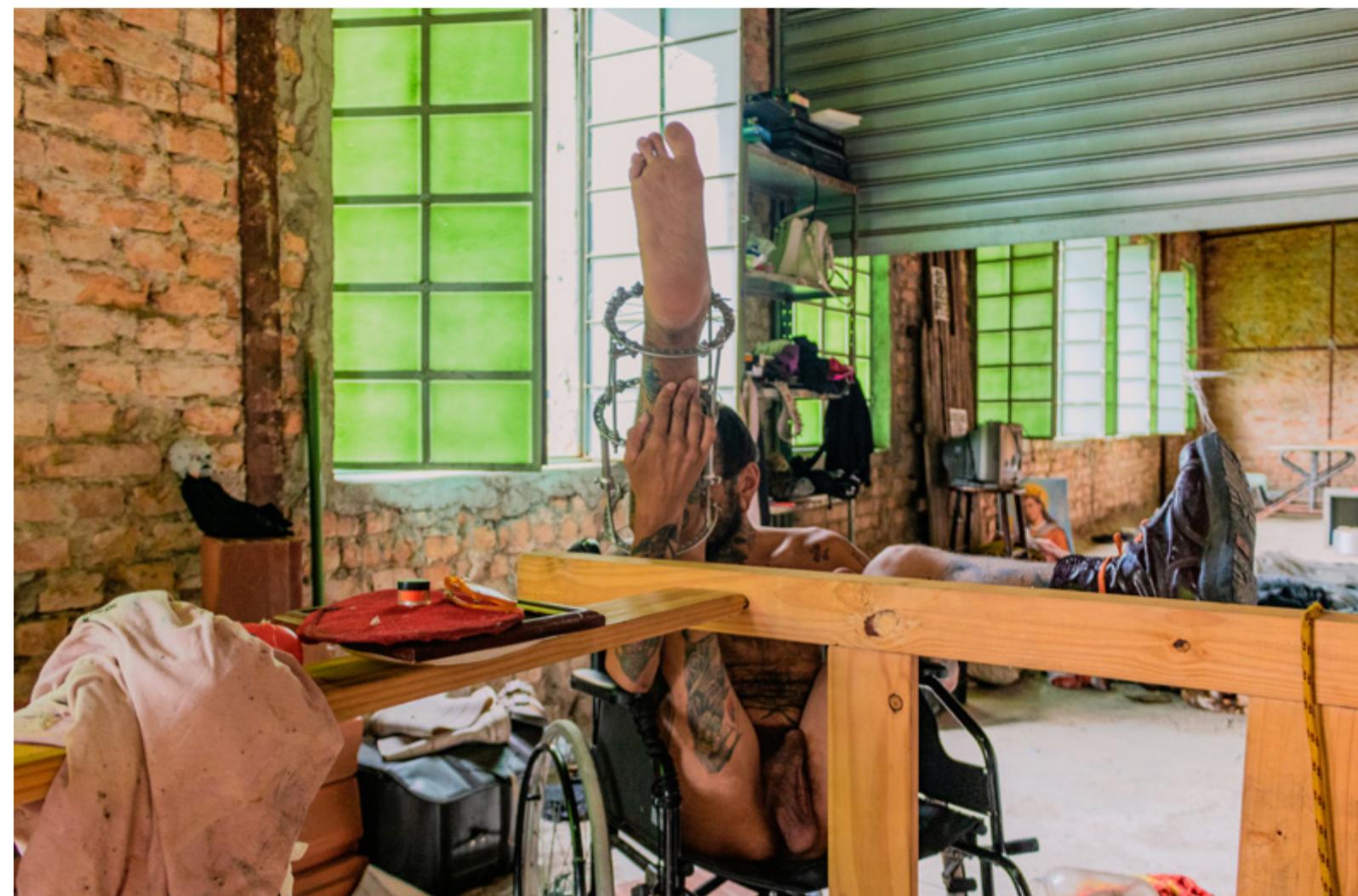








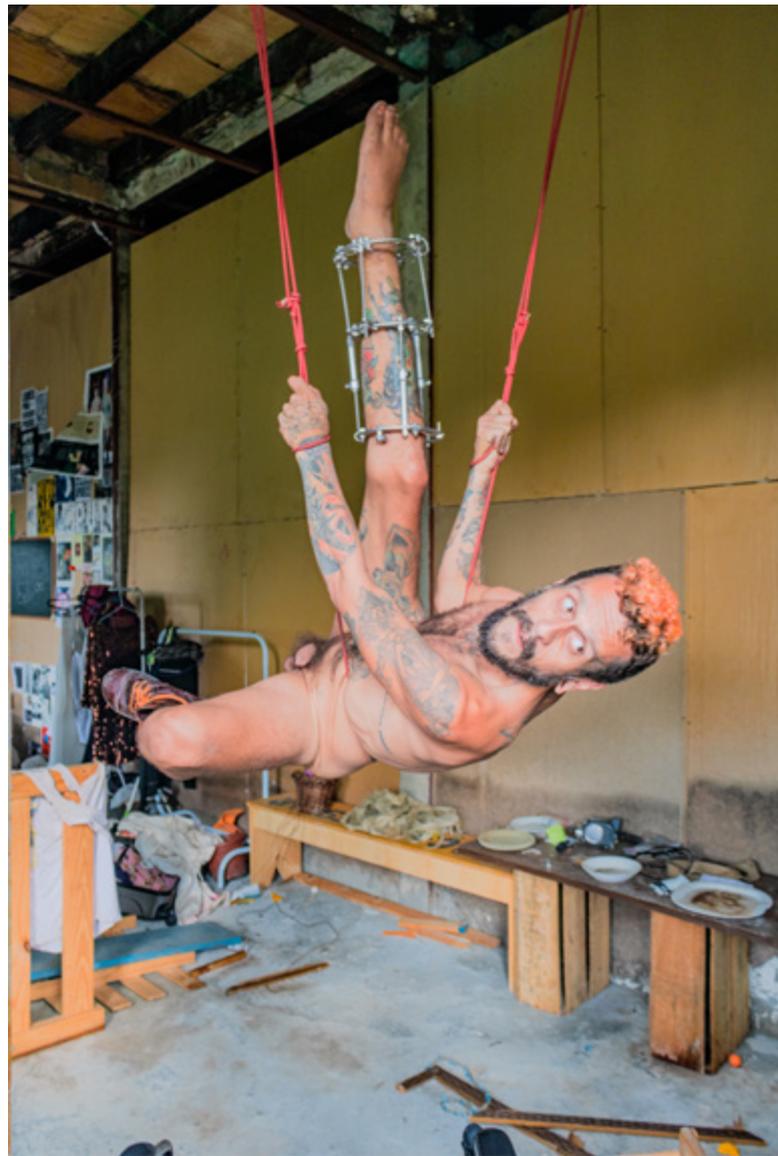




























[pós]CORPOS: Rainnery
Fotografia: Chris, The Red
São Paulo/SP, 2024

 @chris.thered  @rainneryqueercore  @canilqueer_

CORPAS FALANTES

Tem bicho novo no pedaço: uma primeira exploração sobre as origens do pet play

Marcos Phelipe José de Oliveira



Crystal. Foto: DUOCU. São Paulo/SP. 2022

Introdução

Pelas ruas das grandes cidades, tomando conta de novos pedaços¹, às vezes com coleira ou não, um novo tipo de animal de estimação ganha espaços cada vez mais públicos e passeia cada vez mais à luz do dia, saindo da escuridão e dos lugares privados, que costumeiramente acompanhavam as práticas ligadas ao fetiche e ao BDSM².

Possuindo donos ou agindo como donos de si mesmos, os integrantes do *pet play* têm ganhado maior visibilidade tanto no contexto do norte global, quanto no brasileiro, a partir da conquista de maior visibilidade em redes sociais, matérias jornalísticas, acessórios comercializados e eventos criados pelos próprios *pet players* ou coletividades³ afeitas a esta prática, ao BDSM e outras manifestações do fetiche, como no caso dos *leathermen*⁴ e ursos⁵.

1 Pedaco é uma das categorias analíticas de José Guilherme Magnani (2002) usadas para compreender a teia de relações que atravessam as espacialidades da cidade em elementos simbólicos, sociais e culturais. A noção de pedaco pode abordar uma rua, um conjunto de ruas, praças, bairros para compreender as formas com que são vivenciados pelas pessoas e constituem identidades urbanas de formas dinâmicas únicas.

2 BDSM é o acrônimo referente às práticas de “bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo”. Não se tratando de práticas inerentemente sexuais, podemos melhor relacionar o conceito a um conjunto de práticas voltadas à erotização e ao alcance do prazer por meio da utilização de acessórios e engajamento consensual de duas ou mais pessoas em performances eróticas e agenciamentos de seus desejos.

3 “Coletividade” é uma reelaboração das categorias usadas pelos próprios sujeitos (meios ursinos, pup ou BDSM; ou cena leather) em substituição ao conceito de comunidade ou subcultura. Categorizando grupos de sociabilidade estabelecidos, perenes ou fixos, autoatribuídos e que se reconhecem por ocuparem e consumirem espaços típicos das centralidades metropolitanas, compartilhando gostos, atitudes, discursos e estéticas típicas

4 Os leathermen partilham o interesse em experiências atreladas ao uso de roupas e acessórios de couro (de motoqueiros e militares, a exemplo), performando de acordo com pares opostos de poder e idade (paizões/garotos), explorando também algumas práticas eróticas compartilhadas com o BDSM (dons, mestres e submissos) e outras formas variadas de fetiche (Califia, 2004; Gregori, 2014; Rubin, 2011).

5 Os ursos são caracterizados por múltiplas experiências valorativas de masculinidades atreladas a corpos volumosos (gordos, parrudos ou musculosos, a depender) e peludos, atravessados por recortes de cor/etnia (ursos negros, pandas asiáticos), classe/

Este ensaio centra-se em um tipo específico de práticas conformadas no rol do *pet play*, ou seja, do conjunto de práticas que oscilam entre a mimese performática de animais e/ou a realização de fetiches e práticas sexuais atreladas a assumir tal persona⁶ animal, a saber: o *pup* ou *dog play*. Por sua vez, essa prática envolve o conjunto de pessoas que escolhem cães (e algumas vezes lobos) adultos ou filhotes (*pups* ou *puppies*) como inspiração para performances sociais, comunitárias ou sexuais.

Neste ponto, talvez você se pergunte, mas quem são ou mesmo “*quem soltou os cachorros?*”⁷, e para entender tanto quem são esses cachorros, quanto sua origem e o trocadilho contido nessa frase, precisaremos recorrer à língua inglesa, detentora das primeiras, recentes⁸ e ainda escassas referências sobre os significados e a conformação da prática do *pup* ou *dog play*. Desta forma, para o psicólogo britânico Liam Wignall e o cientista social britânico Mark McCormack (2017), essa prática se referiria a “uma forma de *role-play* no qual adultos humanos adotam características que mimetizam o comportamento de filhotes de cachorro” (p. 801 – tradução própria).

renda e idade (polares/paizões, filhotes), valorizando estilos atrelados à erotização de profissões oriundas das classes trabalhadoras, como lenhadores, pedreiros, caminhoneiros e operários (Diniz, 2017; Flauaus, 2021; Hennen, 2005; Wright, 1997).

6 A ideia de persona aqui tem relação com a produção de pessoa de forma mais complexa, ou seja, com um agregado de relações locadas na composição relacional do sujeito. Contudo, tem sentido também a partir da bibliografia clássica e percepção de uma disjunção entre a pessoa no espaço privado e a pessoa no espaço público operada por uma intimidade comprometida com práticas não ortodoxas. Esse ponto será retomado depois, mas pode ser ilustrado também em trabalhos como o de Rubin (2011) e Pat Califia (2004 [1991]), e no Brasil por autores como Bruno Zilli (2009) e Vera Lúcia Marques da Silva (2018).

7 Em referência à música *Who let the dogs out?* da banda bahamense Baha Men, dos anos 2000.

8 A primeira publicação sobre human dogs remonta a 2005 com “*Woof!*” de Michael Daniels, já com a designação da prática como *pup play* temos em 2015 o livro “*Bark!*” sobre a cena estadunidense, por Justin St. Clair, ao passo que a psicologia e a antropologia iniciam pesquisas e publicações conjuntas sobre o tema apenas por volta de 2017.

Ambos os autores se inspiram na análise de Staci Newmahr (2010) sobre o BDSM, ao inserirem o *pup play* num conjunto de atividades que conceitualizam as vivências em coletividades fetichistas e os exercícios de práticas sexuais como exemplo de “lazer sério” (*serious leisure*). Já esse conceito, oriundo de Stebbins (2007) envolveria tipos de atividades que seriam mais do que apenas formas casuais de entretenimento, produzindo durante sua prática um conjunto de vínculos e compromisso sérios, de formas de dedicação e produção de significados, demandando um investimento considerável de tempo, esforço e recursos. Produzindo praticantes que eventualmente se tornam especialistas ou referências nestas áreas.

Nesse contexto, Wignall e McCormack afirmam que o “lazer sério” é condicionante para potencializar experiências que produzam nos praticantes, os *pups*, um “*headspace*”, ou seja, um estado de relaxamento consciente, capaz de preencher a mente e inserir o praticante na persona *pup*⁹, similar a outras práticas BDSM (caso do *subspace*) ou ainda sendo comum no contexto de práticas de *pet play* a referência a este estado como “*pup space*”.

Já para o psicólogo Jamie Lawson e o antropólogo Darren Langdrige, o *pup play* poderia ser inicialmente definido como “uma atividade social e sexual que consiste em um ou mais participantes assumirem os maneirismos, comportamentos e atitudes de um cão, muitas vezes facilitada pelo uso de *gears*” (2020, p. 574 – tradução própria) – ou seja, pelo uso de vestimentas, equipamentos e acessórios específicos.

Esses autores apontam as dificuldades em definir analiticamente o que é essa formação de coletividades *pets/pups*, se perguntando se seriam subculturas, pós-subculturas

9 No contexto brasileiro, possuímos os termos *subspace* e *pupspace* como indicativos destes estados, no entanto, não encontrei na bibliografia inglesa sobre a prática de *pup play* o uso destes termos.





ou cenas. Resumidamente, a implicação de algumas categorias analíticas, como subculturas poderia levar a um reducionismo de tais práticas como parte componente ou inferior de um todo, não representando a complexidade que tais coletividades possuem e produzem. Desta forma, apontam para os chamados estudos pós-subculturais, concentrados na análise de formas de expressão cultural, identidade e resistência que destoam dos estudos pautados nas estruturas tradicionais de poder e cultura. Locando as associações entre *pups* como dadas ao redor de uma estética compartilhada, mais do que um recorte por classe, gênero, raça e outras identidades, no caso britânico.

Outra contribuição importante de Lawson e Lagdrige pode ser, ao trazer à análise de práticas fetichistas, o conceito de cena, a partir de John Irwin (1973).

A cena seria formada por grupos de afiliação cultural, diferenciados principalmente das subculturas porque são reconhecidos como grupos de estilo de vida distintos pelos seus próprios membros, e não por sociólogos ou outros cientistas sociais. Deste modo, o conceito e a significação da cena são tratados como "*êmico*", dado pelos próprios membros participantes, e não apenas "*ético*", dado pelos observadores externos – neste caso, pelos pesquisadores.

Outra contribuição de Irwin seria os quatro aspectos definidores (ou dimensões) de uma cena: esta ocorrer por adesão voluntária; seus membros se agruparem por conjuntos compartilhados de significados, entendimentos específicos e interesses, e não por um impulso para atingir qualquer objetivo específico (de modo que as cenas não seriam instrumentais); o compromisso com a cena ser altamente variável – um

modo de vida para alguns, mas uma moda passageira para outros; e, finalmente, a cena proporcionar uma identidade aos seus membros.

Quanto à origem exata do *pup play*, este é um tema impreciso, dada as raízes das práticas se misturarem à construção de imaginários recentemente criados pelas próprias coletividades estadunidenses e inglesas, e que romantizam as práticas para alguns séculos atrás (Lawson, Langdridge, 2020; Wignall, McCormack, Cook, Jaspal, 2022). Neste ponto, convém ressaltar tanto a inexistência de alguma referência nomeada como *pup play* nas categorizações de parafilias e perversões no *Psychopathia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing (publicado em 1886), ou mesmo na obra do Marquês de Sade¹⁰, quanto ressaltar a distinção entre a prática do *pup play* e a zoofilia¹¹.

Para os pesquisadores estrangeiros há um consenso sobre as origens da prática, que teria tomado forma nos anos 1970 concomitantemente na Europa e nos Estados Unidos, a partir da confluência de algumas práticas anteriores do fetiche em couro (*leathermen*) e do BDSM. Marcado pela sedimentação de regras e protocolos nessas coletividades, o fenômeno teria produzido a ênfase na relação hierárquica, nas formas de dominação e submissão, ou mesmo nas práticas de desumanização do que ficou conhecido como *dog-slave*¹².

Entre os anos 70 a 2000, as práticas continuaram atreladas a um papel majoritariamente sexual de possibilidades (*roles*) de uma sessão BDSM, ou espaços da cena *leather*. Neste momento, ainda não envolviam o uso de muitos equipamentos,

10 Caso de Os 120 dias de Sodoma, publicada em 1904, noventa anos após a morte do autor.

11 A zoofilia é caracterizada como a parafilia que envolve a atração sexual por animais, de ocorrência imemorial, mas com definição recente, para a medicina e psiquiatria, dada por Richard von Krafft-Ebing.

12 Em entrevista com alguns integrantes mais antigos da coletividade BDSM paulistana fui informado que a tradução literal cão-escravo não existe no contexto de práticas mais antigas ou recentes, os termos mais utilizados para as práticas que envolviam desumanização foram "escravo" e "cachorro", ditos de forma separada no contexto anterior aos anos 2000. No entanto, o termo dog ou pup play aqui no Brasil significam tanto práticas sexuais, quanto sociais e comunitárias, diferentemente do contexto anglófono, conforme tratarei mais à frente no ensaio.

sendo mais comum o uso de comedouros e tigelas; muito menos contavam com o uso de vestimentas específicas, pois o submisso era deixado na maioria das vezes nu; ou mesmo carecia de acessórios, havendo no máximo o uso de correntes e coleiras. O ponto de confluência das práticas sexuais com a prática da mimese de animais teria se dado na virada do milênio, no norte global (EUA, Reino Unido, Canadá) e Austrália, quando o advento da internet permitiu a aproximação dos praticantes de ambas as modalidades por meio de *chats* e comunidades nas primeiras redes sociais¹³.

A conformação do *pup* ou *dog play* com o norte global como se conhece atualmente, teria se dado nos anos 2010, com a consolidação de uma estética facilmente reconhecível pelos seus pares, com os usos massivos de equipamentos (*gears*), vestimentas (*suits* de vinil e roupas, por exemplo) e acessórios (com destaque especial para as máscaras de Neoprene e couro, *harnesses*, coleiras de couro e de metal, a exemplo). Nesse contexto, teríamos o desenvolvimento das práticas *puppies* atrelado ao surgimento da coletividade homônima, que mesmo se emancipando progressivamente, ainda possui e produz muitas fronteiras com as coletividades BDSM e *leather*, ora compartilhando espaços, discursos e práticas, ora questionando-os. Tal fato seria melhor notado na adaptação de hierarquias sociais dali importadas, ou na continuação e desenvolvimento de práticas de dominação e submissão, ou ainda no uso massivo de acessórios de couro como componentes da estética mais reconhecível, desejada e valorada

13 Para mais: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2016/may/25/secret-life-of-the-human-pups-the-men-who-live-as-dogs>



entre o conjunto de práticas sociais e sexuais pelas coletividades (Lawson, Langdridge, 2020).

Desta forma, podemos encerrar essa breve apresentação sobre o *pup play*, atrelando a uma síntese do estado da questão derivada do norte global, sem, no entanto, esgotar as possibilidades de se extrair conhecimentos nos países que reclamam a primazia da prática, ou mesmo dos estudos sobre o tema.

De fato, há pouco material de cunho antropológico sobre o tema tanto por lá quanto aqui no Brasil.

Destaco ainda que a cena fetichista brasileira e suas coletividades limítrofes se encontram em pleno crescimento, tanto em âmbito interno como em relação ao cenário global, com o crescimento dos números de eventos relevantes (caso dos concursos e encontros), do aumento do número de praticantes e de novas marcas e grifes que produzem e comercializam, para dentro e fora do país *pup gears* (acessórios, vestimentas e equipamentos) de couro.

REFERÊNCIAS

BAHA MEN. Who Let the Dogs Out. Intérprete: Baha Men. Compositores: Ansem Douglas, Osbert Gurley, Alvin George Rolle, Leroy Butler, Patrick Carey, Carlton Ditto Douglas, e Sammie. Gravadora: S-Curve Records. Ano: 2000. Faixa do álbum "Who Let the Dogs Out". Duração: 3'18".

DINIZ, Antony Henrique Tomaz. Os ursos e seus corpos: uma antropologia erótica das diferenças – 1 edição. Curitiba: Appris, 2018.

FLAUAUS, Vinícius Melo. Ursos, filhotes e caçadores: história da comunidade bear em São Paulo. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

GREGORI, Maria Filomena. "Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes". In: Cadernos PAGU, v. 42, j201, pp. :47-74. Campinas, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420047>.

HENNEN, Peter. "Bear Bodies, Bear Masculinities: Recuperation, resistance or retreat?". In: Gender and Society, Vol. 19, No. 1, 2005, pp. 25-43.



IRWIN, John. Surfing: The natural history of an urban scene. *Urban Life and Culture* 2(2):131-160. 1973. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/089124167300200201>

LAWSON, Jamie; LANGDRIDGE, Darren. "History, culture and practice of puppy play". In: *Sexualities*, vol. 23 (4). Pp 574-591. Bristol: 2020 [2019]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1363460719839914>

MAGNANI, J. Guilherme. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Porto Alegre, 2002.

NEWMHR, Staci. *Playing on the Edge: Sadomasochism, Risk, and Intimacy*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

RUBIN, Gayle. "The leather menace". In: *Deviations*. Durham: Duke University Press, 2011.

SILVA, Vera Lúcia Marques. "Sob a égide do chicote: uma leitura do amor na contemporaneidade". Curitiba: Appris, 2018.

STEBBINS, Robert A. *Serious Leisure: A perspective for our time*. New Jersey: Transaction, 2007.

WIGNALL, Liam; MCCORMACK, Mark. An Exploratory Study of a New Kink Activity: "Pup Play" In: *Archives of Sexual Behavior* v. 46 pp. 801-811. Nova Iorque: Springer, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-015-0636-8>

WIGNALL, Liam; MCCORMACK, Mark; COOK, Taylor; JASPAL, Rusi. Findings From a Community Survey of Individuals Who Engage in Pup Play. In: *Archives of Sexual Behavior* v. 51 pp. 3637-3646. Nova Iorque: Springer, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-021-02225-z>

ZILLI, Bruno. "BDSM de A a Z: despatologização através do consentimento nos manuais da internet". In: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Figari, Carlos. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, pp. 481-508.

GAUTHIER, Jorge. [Mais amor, por favor!] Estudante de Direito luta contra o preconceito atuando como primeira drag king de Salvador. *Correio 24 Horas, Bahia*, 17 de maio de 2016. Seção Rede Bahia. Disponível em: <https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/mais-amor-por-favor-estudante-de-direito-luta-contr-o-preconceito-atuando-como-primeira-drag-king-de-salvador/>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Estudos feministas, Florianópolis*, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>. Acesso em: 09 de set. de 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e*

teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Discursos fora de ordem: sexualidade, saberes e direitos. São Paulo: Annablume, 2022.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Ensaio sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan-abr. de 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>>. Acesso em: 01 de out. de 2023.

PROVOCA. Rita Von Hunty | #Provoca. YouTube, 25 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Sru_iq_6ybg?si=na2G_Pwu189AXTAL>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. Cara, Coroa e Rainha: Gênero no espelho das drag queens. Anais do Evento Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, Set. de 2013, online. Disponível em: <http://www.fg2013.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373310494_ARQUIVO_Cara,coroaeRainha_FazendoGenero10_.pdf>

THURLER, Djalma; AZVEDO, Armando. A arte é divina demais para ser normal: Drag Queens e políticas de subjetivação na cena transformista. Revista Crioula, Bahia, n. 24, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/162603>>

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Pierre Vidal. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 2002.

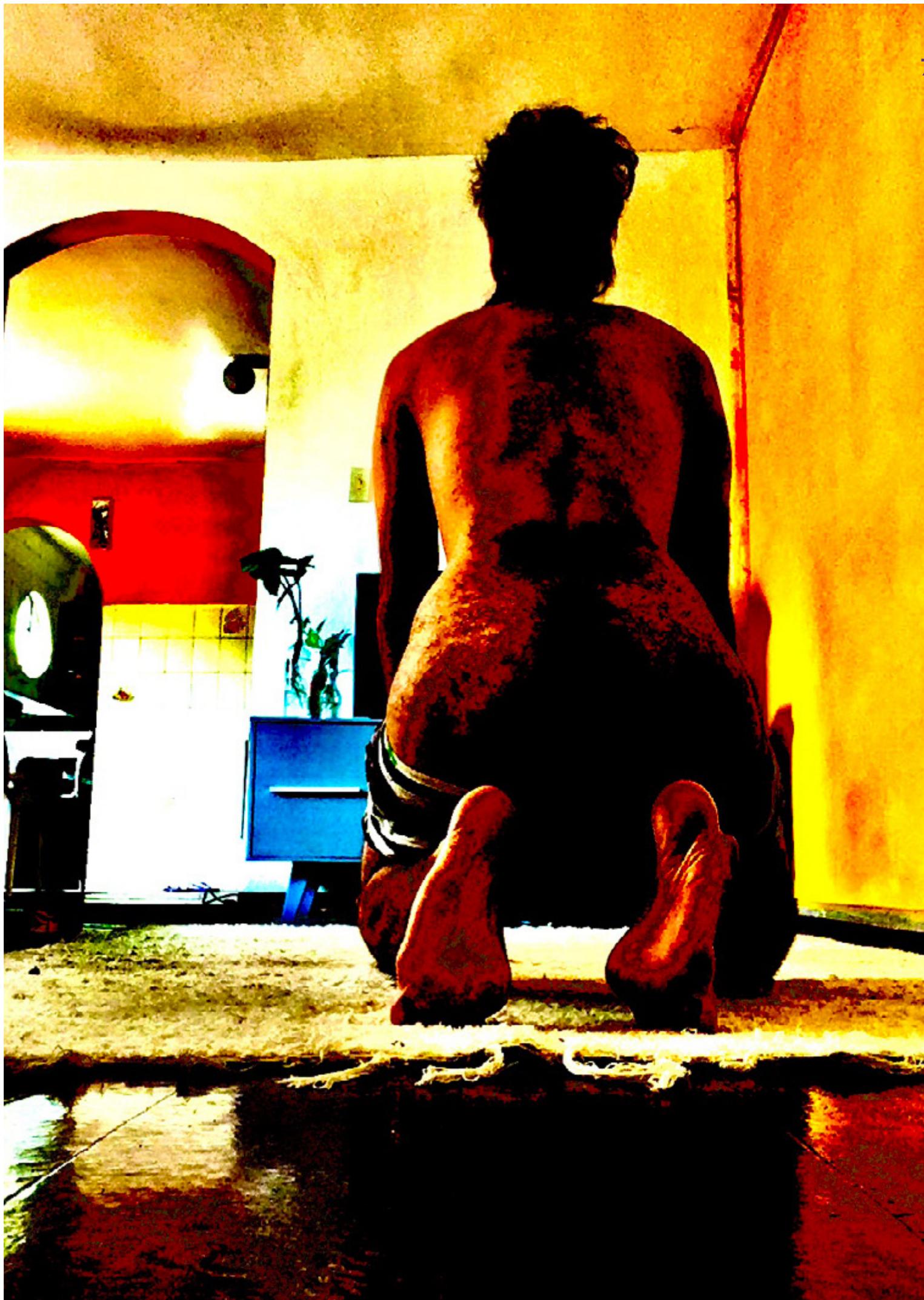
VICENTE, Andréia. É no teatro como na vida: contradições e tensões a respeito do lugar da mulher em Atenas (V século). Revista NEArco, Rio de Janeiro, v. 1 n. 2, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/39283>>



Crystal & Pinky. Foto: DUOCU. São Paulo/SP. 2022

Marcos Phelipe José de Oliveira. Mestrando em Antropologia Social, pelo PPGAS/USP. Pesquisa sobre temáticas das masculinidades desde a iniciação científica. Atualmente pesquisando sobre masculinidades fetichistas e suas relações interseccionais, com foco nas coletividades ursinas, leathermen, petplay e BDSM. Participando das coletividades e me identificando como um homem cisgênero, gay, pardo, gordo, não-monogâmico e pertencente a um quadrisal.

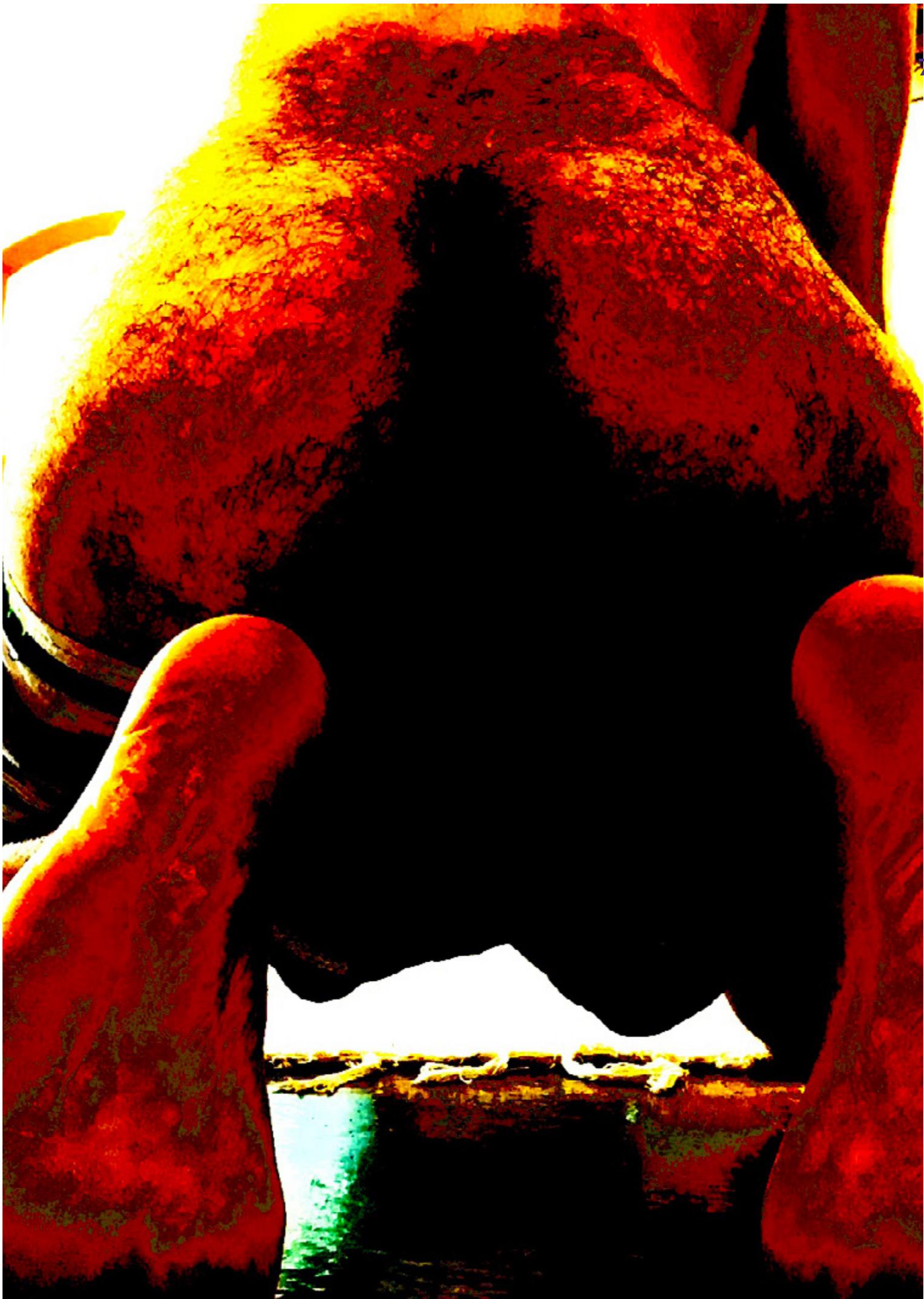
ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



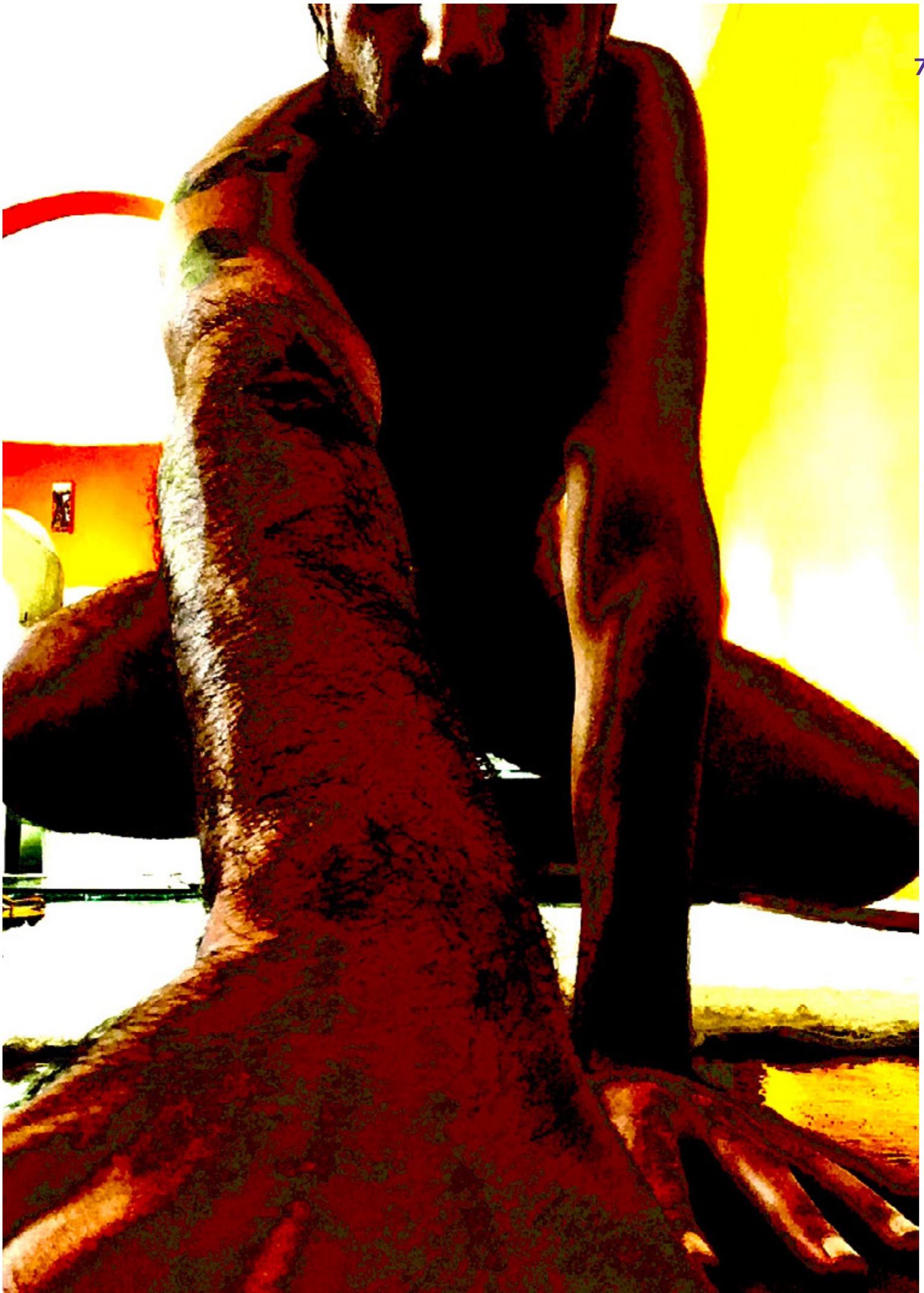
Pôr do Sol em Paris

por Fávero

Estava quente. Não sei calor, mas quente estava.
Não estava em Paris, mas poderia estar.
Meu corpo gemia oui oui.









Fávero. Artista multiplataforma e diretor de audiovisual.

Investiga o corpo, a cidade e o tesão a partir de, principalmente, fotoperformances e materiais têxteis. Foi participante selecionado do programa Lab Cultural 2023 do BDMG Cultural, onde produziu camisetas impressas, calendários e prints. O artista acredita na necessidade de reivindicarmos nosso corpo-animal para nós, em uma retomada do ser humano à natureza - aceitar os nossos instintos animais e fazer deles local de potência e criação. O artista gosta de degradar imagens que produz - o corpo LGBTQIA+ sempre foi degradado e posto como um corpo em degradação, sendo assim, Fávero vê potência em degradar deliberadamente suas fotos para criar novos corpos, quase fantásticos. Como diretor de audiovisual, foi vencedor do prêmio de Melhor Videoclipe pelo Juri no FAM (Florianópolis Audiovisual), com o clipe de Ode à Dali, de Omar e indicado na categoria de inovação em videoclipe nacional com Chapadô, de Luty, no m-v-f 2021.

 @favero_____

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>



Victor Rios por Chris, The Red (Rio de Janeiro, 2023)